



## *Homenagem a Profa. Dra. Ana Paula Mendes Cavalcanti*

### ATUAÇÃO DE BRINQUEDISTAS HOMENS EM PROJETO ASSISTENCIAL COM CRIANÇAS PEQUENAS

*Performance of male toy players in assistance project with small children*

Carla Andréa Silva<sup>1</sup>

Marilde Chaves dos Santos<sup>2</sup>

Rael Vieira de Sousa<sup>3</sup>

Juliana Guimarães da Silva<sup>4</sup>

#### Resumo

O texto objetiva relatar a perspectiva masculina quanto à participação em projeto assistencial, que acolhia crianças que acompanhavam suas mães nas aulas, em uma IES do sul do Piauí. Foram interlocutores, 04 brinquedistas homens e os dados foram registrados em diário de campo, conforme Zabalza (2004). A discussão deteve-se sobre: a relação dos brinquedistas com as crianças atendidas no projeto; a relação de trabalho desenvolvida entre brinquedistas homens e mulheres no projeto; e os sentimentos despertados nos brinquedistas ao atuarem em atividades com crianças pequenas. A análise dos dados possibilitou compreender as questões de gênero que perpassam a atuação de brinquedistas homens, bem como as condições geográficas e históricas que cristalizam a representação dos papéis masculinos e femininos em relação ao cuidado. Os resultados também contribuirão para o desvelar de visões sexistas sobre o cuidado de crianças, presentes em alguma medida, no próprio espaço investigado.

**Palavras-chave:** Brinquedoteca universitária; Brinquedistas homens; Curso de Pedagogia; Projeto assistencial.

#### Abstract

The text aims to report the male perspective on participation in a care project, which welcomed children who accompanied their mothers in class, in a HEI in the south of Piauí. The interlocutors were 04 male toy players and the data were registered in a field diary, according to Zabalza (2004). The discussion focused on the relationship of the toy players with the children assisted in the project; the working relationship developed between male and female toy players in the project; and the feelings aroused in toy players when performing activities with young children. Data analysis made it possible to understand the gender issues that permeate the performance of male toy players as well as the geographic and historical conditions that crystallize the representation of male and female roles in relation to care. The results will also contribute to the unveiling of sexist views on child care, present to some extent, in the space investigated.

**Keywords:** University playroom; male toy players; Pedagogy Course; Assistance project.

1 Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela PUC-SP. Professora adjunta da Universidade Federal do Piauí, Brasil. E-mail: [carlandrea@ufpi.edu.br](mailto:carlandrea@ufpi.edu.br)

2 Doutora em Educação pelo DINTER UFRJ/UFPI. Professora adjunta da Universidade Federal do Piauí E-mail: [marildechaves@ufpi.edu.br](mailto:marildechaves@ufpi.edu.br)

3 Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: [raelv115@gmail.com](mailto:raelv115@gmail.com)

4 Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: [guimaraesjuliana12345silva@gmail.com](mailto:guimaraesjuliana12345silva@gmail.com)

Recebido em 26 de setembro de 2021

Aceito em 30 de outubro de 2021



## INTRODUÇÃO

As questões de gênero têm sido alvo de muitas discussões no campo educacional, uma vez que são múltiplos os desafios enfrentados, tanto na problematização quanto no delineamento de possibilidades de intervenção diretamente ligadas às dinâmicas vividas nos espaços escolares e nas salas de aula (Andrade, 2009; Pena, 2018).

Nesse sentido, recorda-se, especialmente, que os estudos de base feministas têm apontado, em particular, os danos causados ao desenvolvimento humano em sua integralidade, seja nas dimensões individuais, seja nas dimensões sociais, oriundos do patriarcado, do androcentrismo, do machismo, da misoginia e do sexismo (Louro, 2013; Carvalho, 2009; Beauvoir, 2009).

Cientes dessa realidade, muitos desdobramentos nos alcançam, de modo que:

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, loci das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe — são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão (Louro, 2003, p. 64).

Inquietos com o referido cenário apontado pela autora supracitada e, consciente de que nos inserimos igualmente como produtores desse axioma, a discussão emergiu da realidade instaurada em uma brinquedoteca universitária, que executou, no período de agosto de 2019 a agosto de 2020, um projeto assistencial que oferecia acompanhamento e estimulação de crianças que acompanhavam suas mães, na condição de alunas, na rotina de aulas e de trabalhos na universidade, pelo fato de não terem com quem ficar em casa no período de ausência de suas mães.

O processo de acolhimento e de estimulação das crianças atendidas no projeto, que ocorreu nos turnos tarde e noite e se materializou graças à colaboração de brinquedistas atuantes na *Brinquedoteca Mundo Encantado*, os quais desenvolveram, junto a essas crianças, ações de cuidado, brincadeiras e práticas pedagógicas compatíveis com sua faixa etária, bem como com a estrutura da brinquedoteca, o que veremos ao longo deste relato.

Tendo em vista que o projeto contava com alunas e alunos do curso de Pedagogia, que, na condição de brinquedistas, participavam ativamente do projeto, nós objetivamos retratar a perspectiva masculina sobre a dinâmica empreendida na interação com crianças e, de algum modo, no exercício da atividade docente, essa materializada nos momentos de estimulação pedagógica empreendida junto às crianças atendidas no projeto. E, assim, entendemos contribuir na ampliação da discussão sobre a igualdade de gênero presente em ações de cuidado com crianças ou, ainda, nas participações no ato de brincar, pois essa realidade perpassa o que temos vivido na *Brinquedoteca Mundo Encantado*.

Entendemos que a presente discussão ancora-se tanto na compreensão do quanto é complexa a realidade envolvida ao se abordar a experiência docente na perspectiva masculina, tão discutida na bibliografia especializada (Araújo, 2009; Andrade, 2009; Pena, 2018) bem como consideramos



as influências oriundas da realidade cultural nordestina que incidem diretamente sobre os sujeitos pesquisados, tendo em vista sua condição é a de nordestinos<sup>5</sup>.

Na oportunidade, recordamos que a figura do nordestino, segundo destaque de Albuquerque Júnior (2013), atualiza várias imagens, relacionadas, por sua vez, com enunciados que antes definiam os moradores desse ambiente, representados pelo nortista, pelo sertanejo, pelo brejeiro e pelo praieiro. Para o autor, a figura do nordestino é a do macho, sem qualquer espaço para atributos femininos, a ponto de, na referida região, ser validada a máxima contida na música de Luiz Gonzaga que ressalta que nessa espacialidade encontra-se com facilidade “mulher macho, sim senhor!”.

Segundo retrospectiva realizada pelo autor, verifica-se que o predomínio do gênero masculino sobre o feminino, na espacialidade compreendida pelo Nordeste, materializa-se nas diversas áreas, dentre elas, a ciência, a política e as relações sociais como um todo, visto que essa representação era diretamente oriunda do modelo de família patriarcal, sustentáculo da sociedade brasileira desde o período colonial até o final do século XIX. No entanto, essa soberania do masculino será abalada com o advento do período republicano, em que se instaura progressivamente um processo de feminização da sociedade (Albuquerque Júnior, 2013).

Após essa breve apresentação, esclarecemos que a discussão que se segue, no presente artigo, está organizada da seguinte forma: inicialmente, apresentamos a *Introdução*, em os *objetivos* da discussão, bem como o cenário em que a mesma emergiu, aqui foram expostos. Em seguida, discute-se, brevemente, a condição masculina no exercício da docência na educação infantil e em séries iniciais do ensino fundamental. Detalham-se, ainda, os procedimentos metodológicos envolvidos e discutem-se as apreciações de brinquedistas, alunos do curso de Pedagogia, sobre sua atuação e cuidado com crianças, que constituem os *resultados* dessa pesquisa. As *considerações finais* e as *referências* formam a parte final do artigo, nessa ordem.

## **O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E EM SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUAS RELAÇÕES COM QUESTÕES DE GÊNERO E ATUAÇÃO DE BRINQUEDISTAS HOMENS**

A princípio, recordamos que as Diretrizes Curriculares específicas para o curso de Graduação em Pedagogia, modalidade Licenciatura, em seu artigo 2º, prevê que o curso ofereça formação de profissionais para atuarem no exercício da docência, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e de apoio escolar, como também em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (BRASIL, 2006). O mesmo documento, em seu Art. 5º, inciso X, preconiza que, ao término do curso, o egresso esteja apto a “demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras” (Brasil, 2006).

Ao recordar as diretrizes, compreendemos que a tomada de consciência em relação à diversidade, que perpassa o universo escolar, deve ser favorecida ao graduando ao longo da formação oferecida

5 O termo nordestino, segundo Albuquerque Júnior (2013) desde os seus primórdios era empregado para designar os habitantes de uma área inicialmente compreendida pela espacialidade entre os estados de Alagoas e Ceará, aplicado com menor frequência, para nomear igualmente os habitantes do estado do Piauí e Maranhão. Atualmente o termo é empregado para designar habitantes dos nove estados que compõem a região nordeste: Bahia, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Piauí e Maranhão.



pelo curso de Pedagogia, mediante a garantia de oportunidades para o mesmo vivenciar experiências e situações que o levem a problematizar a realidade multidimensional e complexa como, por exemplo, a citada acima.

Nesse sentido, as orientações conferidas pelas diretrizes em questão recordam a necessária participação de graduandos em projetos que os aproximem de situações similares à realidade da profissão de pedagogo, quais sejam: interagir com crianças, conhecer sua realidade desenvolvimental, respeitar a dimensão lúdica de sua formação e conhecer os processos de ensino e aprendizagem específicos, inerentes à Educação Infantil e aos Anos iniciais do Ensino Fundamental.

No entanto, ao considerarmos os objetivos do presente artigo, recorda-se, aqui, que os saberes oferecidos na formação inicial são acessados e, por sua vez, adquiridos por pedagogos e pedagogas, em uma dinâmica atravessada por questões de gênero que, normalmente, são silenciadas. Assim, recordamos autores como Charlot (2014), que destaca que a escola é permeada por valores masculinos (patriarcado, coronelismo, machismo, androcentrismo, entre outros), não havendo espaço para discussões como a da diferença e da igualdade de gêneros, posto que, nesse espaço, as regras construídas dilatam deveres dos alunos e, igualmente, silenciam seus direitos, sendo um espaço marcado pelo arbitrário cultural e a violência simbólica definidos por Bourdieu.

Oportunamente, Charlot (2004, p. 61) aponta uma realidade negligenciada pelos estudos de gênero mediante silenciamento de um dado muito relevante, que é a constatação de que “em vários países, foi comprovado que as moças são mais bem-sucedidas na escola que os rapazes”. O silenciamento dessa realidade reflete muito dos parâmetros de valoração dos gêneros, que são explicitamente desiguais.

Frente ao exposto até o momento, considera-se igualmente importante apontar que a necessidade de se romper com a lógica binária de sexo, pelo qual o corpo só pode ser identificado como macho ou fêmea, é urgente, uma vez que esta impõe limites rígidos às concepções de gênero e, conseqüentemente, às relações estabelecidas entre estes (Louro, 2004). A defesa pela desconstrução dessa oposição binária reside, especialmente, em uma das conseqüências mais significativas, que é a possibilidade de que as diferentes formas de masculinidade e feminilidade, que se constituem socialmente, alcancem outras compressões e não sejam sumariamente negadas (Louro, 2003).

Tendo em vista o cenário na educação infantil, que é nosso foco na presente discussão, ressalta-se a prevalência de professoras mulheres em comparação com os homens, nos moldes de uma divisão sexual do trabalho, que, segundo Priore (2004, p.603), atua como “uma forma disciplinadora e estabilizadora da força de trabalho”.

Uma questão que emerge na discussão ora empreendida é a de que nos encontramos inseridos numa realidade em que, a partir da cultura de atribuir características definidoras de mulheres e homens, a mulher é reconhecida como a que teria mais habilidades para lidar com as crianças, em detrimento dos homens (Araújo, 2009). Para Araújo (2009), um desdobramento explícito dessa situação mítica é a de que, no espaço escolar, as mulheres seriam as responsáveis pelas ações de cuidado com as crianças, levando em consideração o fato de serem aquelas diretamente ligadas ao ordenamento do lar e da família, enquanto os homens desenvolvem outras atividades, também no espaço escolar, que marquem sua superioridade e poder.

Nessa discussão que focalizamos nas questões de gênero, recordamos que o nordestino, na constituição de sua identidade, foi capaz de resgatar as tradições de virilidade, de coragem e de valentia, como forma de impor frente ao que as novas elites urbanas pareciam não ser capazes de afirmar, por



se mostrarem passivas e cada vez mais efeminadas pelos valores incorporados com a emergência e o desenvolvimento do período republicano (Albuquerque Junior, 2013). Assim, recorda-se que atividades que envolviam menor prestígio social não eram passíveis de serem desenvolvidas pelos homens, por sua supremacia e, sim, delegadas às mulheres que, por sua vez, deveriam demonstrar sua total subserviência ao mando masculino. Aqui, ressalta-se, por exemplo, que o cuidado e a educação das crianças, na referida cultura, é tarefa exclusiva das femininas.

Entretanto, nossa discussão refere-se aos cenários que envolvem a educação e o cuidado de crianças, visto que os egressos do curso de Pedagogia atuarão na Educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. E, pensando na realidade dos homens que escolhem a graduação em Pedagogia, autores como Araújo (2009) recordam-nos que o educar e o cuidar são práticas que se encontram entrelaçadas e, por isso, definem a atuação dos profissionais que trabalham com crianças de 0 a 6 anos, porém os professores homens, ainda que estejam na escola, não vivenciam a docência na educação infantil por completo, pois a eles não parece ser autorizado esse exercício, pelos papéis sociais pré-estabelecidos para professores e professoras, de maneira que os homens são chamados a ocupar funções que destacam suposta superioridade em relação às mulheres nesse mesmo espaço.

Schmitz (2012) é outra autora que ressalta a materialização de equívocos na condução da relação entre os gêneros na educação infantil, destacando, como exemplo, a separação de meninos e meninas no momento do brincar, espaços de brincar diferenciados ou, ainda, a definição das brincadeiras específicas para meninas (chamadas a brincar de brincadeira de casinha, no fundo da sala) e meninos ( direcionados a brincar de peças na parte da frente da sala de aula), como se tal prática fosse, efetivamente, a mais saudável e apropriada para o desenvolvimento de relações mais equânimes entre os gêneros.

Frente ao exposto até o momento nesta discussão, confirmamos a realidade apontada por Louro (2003), de que o cenário da escola é marcadamente atravessado pelas questões de gênero. E, por isso, torna-se inquestionável a necessidade dessa discussão, que entendemos ser levantada ao longo do processo e do espaço de formação docente.

No rol de limitações identificadas nas relações de gênero vividas em meio à realidade da educação infantil, essas foram intencionalmente abordadas por conta do sofrimento que provocam e disseminam, necessitando serem, tais limitações, efetivamente enfrentadas, ao ponto de novos horizontes serem visualizados. Nesse sentido, é possível verificar que a superação das desigualdades de gênero começa no próprio ambiente escolar, sendo o local da formação de professores, como bem pontuado por Araújo (2009), o espaço ideal para a discussão pelos próprios professores e professoras acerca de seus modos de sentir, de pensar e de agir às questões de gênero em seus entornos.

Diante disso, entendemos que no cenário compreendido pelos cursos de graduação em Pedagogia, toma relevo a existência de brinquedotecas universitárias enquanto espaço de laboratório de ensino para os professores em formação e de local de realização de extensão, uma vez que elas desempenham esse papel formativo, que, na análise de Carneiro (2003, p. 03), entre os principais objetivos das brinquedotecas universitárias, figura sua intencionalidade em “formar profissionais que possam atuar em instituições educativas ou não, mas que valorizem a brincadeira”.

Adensando a discussão em pauta, acrescentamos que, para Kishimoto e Ono (2008, p.219), na brinquedoteca identifica-se a difícil tarefa de enfrentar os preconceitos de gênero, posto haver a dependência de fatores externos à Brinquedoteca. Porém, as autoras apontam a existência de indícios de mudança, sobretudo no que diz respeito à adoção de uma política de valorização de equidade no brincar infantil, estimulando que o brincar, junto de meninos e meninas, tenha maior visibilidade e



liberdade para ocorrer, sem as limitações impostas por visões sexistas e estanques.

Tomada como espaço de ensino, de pesquisa e de extensão, a Brinquedoteca pesquisada, por meio das experiências desenvolvidas no projeto “Cuidando e brincando”, o qual era voltado para crianças de zero a seis anos, fez emergir situações e reflexões semelhantes às que ocorrem em instituições de educação infantil e que dizem respeito à representação social do exercício do magistério, pois na dinâmica cotidiana do projeto, os brinquedistas do sexo masculino também não puderam participar plenamente das atividades de cuidado, mas somente parcialmente, visto que puderam acompanhar as crianças ao bebedouro e no momento de lanches, em que todos os brinquedistas se organizavam para observar e supervisionar. Essa realidade se projetou, pois, desde cedo, houve preocupação das famílias sobre quem estaria a frente do cuidado de seus filhos. Nessa oportunidade, a coordenação do projeto teve que assegurar que seriam as brinquedistas e que os brinquedistas ficariam no apoio descuidado, realizando atividades menos complexas.

Felizmente, no tocante aos momentos de brincar livre e de estimulação pedagógica das crianças previstos no cotidiano do projeto, buscou-se favorecer oportunidades de interações com as crianças e com os brinquedistas homens e mulheres. Assim, para que essa realidade se materializasse, empreendemos estímulos e encorajamentos nas supervisões semanais dos brinquedistas de ambos os sexos, quanto à necessidade de participação ativa de todos na proposição de atividades, bem como em sua execução, além da orientação quanto à carência deles estabelecerem interações espontâneas com as crianças atendidas no projeto, mediante a construção de vínculo com estas últimas. Ao agir nessa direção, estávamos cientes de que as práticas educativas, ora vivenciadas, estavam imbricadas em valores regionais e culturais do nordeste, que nem sempre são dos mais agradáveis de conviver, como o patriarcado e o machismo, tão bem apontados na obra de Albuquerque Junior (2013 e 2011).

Nesse ponto de vista, concordamos com Pena (2018) quando essa autora destaca a presença marcante de mulheres nas creches e pré-escolas e que isso é resultante da “femilização do magistério”, construção ideológica em que associou o atendimento a crianças pequenas a uma “vocaçãõ” feminina. A autora alerta que, nessa perspectiva, a presença masculina é percebida com estranhamento. E esse estranhamento também se fez presente, enquanto elemento reflexivo, diante da presença de quatro graduandos do gênero masculino nos projetos de atendimento às crianças pequenas na condução de atividades desenvolvidas na brinquedoteca da instituição, levando ao levantamento de questões tanto por parte das mães beneficiárias como dos próprios participantes do projeto, transformando-se em uma oportunidade de contribuir com as discussões a respeito da formação de pedagogos.

Aliamos a essas reflexões, as condições históricas e geográficas de onde se situa a *Brinquedoteca Mundo Encantado*, cujo *campus* a que ela pertence se localiza em uma cidade do interior do Nordeste. Tais condições remetem a uma representação de gênero em que demarcam a identidade masculina e feminina em uma lógica binária e com papéis definidos e diferenciados, que é limitada até mesmo nas análises sobre gênero e ludicidade, como foi o caso vivido no projeto, em que identificamos, em alguma medida, desconfiança e curiosidade sobre o papel dos brinquedistas homens nesse cenário.

Dessa forma, identificamos como real as dificuldades oriundas da análise binária de sexo e gênero, em suas imposições no rol de expectativas de atendimento às crianças, que compreendem o desenvolvimento dessas atividades como exclusivas de atributos femininos, pois ao homem estariam delimitadas outras atividades. Nessa direção, alguns autores, como Pena (2018), alertam para o fato de que essas análises binárias são encontradas de modo corriqueiro em nosso cotidiano, uma vez que constituem uma realidade que ainda não foi superada e que, por isso, não pode ser negligenciada, mas enfrentada, especialmente, no meio educacional. (Pena, 2018).



## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi de natureza qualitativa. A adoção desse tipo de pesquisa levou em consideração sua ampla área de investigação em que podemos ter resultados mais abrangentes e proveitosos, já que, segundo Yin (2016), essa perspectiva tem condições de capturar visões e expectativas das participantes do estudo, permitindo chegar a explicações teóricas e fundamentadas dos acontecimentos cotidianos observados no momento de investigação.

Os dados analisados foram produzidos mediante a utilização de diários de campos, dispostos no cotidiano de atuação no projeto pelos brinquedistas homens. Esses diários foram utilizados seguindo os pressupostos orientados por Zabalza (2004), que auxiliaram no ato de escrever os fatos que ocorreram, conferindo mais clareza sobre o acontecido para o próprio observador, neste caso em específico, monitores e brinquedistas.

Para garantir o anonimato dos pesquisados, eles próprios escolheram nomes de brincadeiras para a sua identificação nesta discussão. Os trechos extraídos dos diários foram submetidos à análise, mediante utilização da técnica de *Análise de Conteúdo* proposta por Bardin (2011), que prevê como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens através da técnica da *análise categorial*, que funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Após a análise, os resultados foram organizados em categorias específicas submetidas ao confronto com a literatura especializada acerca da temática do artigo.

## APRECIÇÕES DE BRINQUEDISTAS SOBRE SUA ATUAÇÃO E CUIDADO COM CRIANÇAS PEQUENAS

A presente análise reuniu relato de quatro brinquedistas do sexo masculino que atuam na Brinquedoteca Mundo Encantado, que se restringe a apreciações que os mesmos realizaram sobre sua atuação e cuidado destinados a crianças atendidas em projeto assistencial, desenvolvido de agosto de 2019 a agosto de 2020. Para garantir o anonimato deles, eles próprios escolheram nomes de brincadeiras para a sua identificação nesta discussão.

Importa esclarecer que os relatos ora analisados foram extraídos dos diários de campo, do qual fazem uso os brinquedistas em seu cotidiano, seja ele presencial ou remoto, dos quais extraímos três questões que, a nosso ver, demarcam o olhar deles acerca da questão de gênero que emergem ao atuarem com crianças.

Assim, inicialmente desejamos apontar que todos os brinquedistas foram indagados a responderem em seus diários que se consideravam capazes de cuidar e de estimular crianças, tendo em vista a aprovação de um projeto de natureza assistencial que envolveria todos os brinquedistas ativos naquele momento. Ao analisar essas respostas, verificamos que todos os brinquedistas, incluindo os homens, apontaram estar em condições de desenvolver ações de cuidado e interações de estimulação de crianças, antes da convocação dos brinquedistas para participarem do projeto.

O encontro de compreensões quanto à possibilidade de cuidar e de estimular crianças por parte dos nossos pesquisados nos fez recordar da materialidade dessa compreensão deles, e, em



específico, lembramos aqui a forma como eles se mantinham dispostos a cuidar e a proteger as crianças que lhes eram confiadas em seus turnos de atuação, seja quando desenvolviam atividades dentro da brinquedoteca, seja quando organizavam espaços em ambientes externos à brinquedoteca para a realização de alguma atividade motora, por exemplo. No geral, eles se mostraram, ao longo das interações presenciais com as crianças, muito atentos e abertos às orientações das coordenadoras do projeto. No desenvolvimento das atividades remotas, também destacamos suas contribuições na análise atenta de cada proposta que participavam, oferecendo, sempre que possível, sugestões para a melhoria do material audiovisual produzido considerando a faixa etária, as questões de gênero e a realidade cultural das crianças.

Em meio a essa discussão, recordamos o que autoras Füllgraf e Wiggers (2014) reiteram sobre as relações cotidianas na educação infantil, em que os diferentes profissionais ali presentes devem se envolver em atitudes e em ações de respeito à diversidade como forma de permitir às crianças o aprendizado quanto à vivência numa coletividade que compartilha, colabora para o desenvolvimento de todos e compete de forma saudável, sem discriminações por questões de gênero, etnia, opção religiosa, sexual ou deficiência.

Nesse momento da discussão, torna-se oportuno emendar compreensões como a de Kishimoto e Ono (2008, p.219), que, apoiadas em teoria pós-estruturalista feminista de educação, apresentam a defesa de que “não basta observar ou brincar; é preciso empenho do adulto para o estímulo sistemático que leve a brincar com o outro, do sexo oposto, usando objetos não generificados”. Entendemos que a realidade apontada pelas autoras nos auxilia a analisar o empenho dos brinquedistas homens e, assim, conquistar um espaço junto às crianças atendidas no referido projeto parece ter se materializado realmente, de maneira a possibilitar a vinculação e a interação mais autêntica, por ser mais livre das mediações das brinquedistas mulheres, como foi mencionado pelos brinquedistas pesquisados.

Dando seguimento a esta análise, buscou-se, ainda, compreender o que os brinquedistas pesquisados indicaram sobre a sua relação com as crianças atendidas no projeto assistencial do qual fizeram parte, seja de forma presencial, seja de maneira remota, sobre se indicavam haver alguma diferença por serem homens. Nesse sentido as respostas foram as seguintes:

A maioria das crianças sempre gostava de brincar comigo. Pra me aproximar delas, eu analisei bem que tipo de brincadeiras elas preferiam. Depois ia tentar contato chamando elas para brincarem e não lembro de nenhuma situação delas se recusarem a se aproximar por eu ser homem. Desse modo, eu desenvolvia um diálogo com elas enquanto brincava, da mesma forma que qualquer outra brinquedista do sexo feminino (Pau na lata).

O relacionamento com as crianças sempre foi bom. Ao entrar em contato com as crianças, eu deixava o meu lado criança também falar e agir, então, elas me viam ali como um igual, e não como um homem com quem elas brincavam. Essa minha conduta facilitava muito na aproximação delas, sempre estavam à vontade, um ou outro ficava meio arredio e quietinho no canto, mas quase sempre se dava por vencido e caía na brincadeira. (Adedonha).

Muito boa, eles gostavam de ficar comigo e eu também gostava muito de brincar e estar com eles. Foi minha primeira experiência com crianças e não precisei de ajuda pra estabelecer uma interação com as crianças, elas são espontâneas e observam bastante



o adulto. (Esconde-esconde).

Eu não tive essa oportunidade de interagir no presencial com as crianças, só participei das atividades remotas, pois assim que iniciei como brinquedista e estava me preparando para iniciar a atuação, a pandemia se iniciou e todas as atividades na brinquedoteca foram interrompidas. Do pouco que vi, as crianças ficam à vontade com todos os brinquedistas, sem fazer distinção entre brinquedistas homens e mulheres. (Pular corda).

Como pode ser observado nas falas acima, os brinquedistas pesquisados apontaram um clima favorável de convívio com as crianças com as quais interagiam, demonstrando interesse e disposição para estarem com as mesmas sem necessariamente se sentirem travados com relação à interação que deveriam estabelecer com as crianças atendidas pelo projeto, ainda que pudessem contar com as outras brinquedistas que atuavam, com eles, no mesmo horário.

Ao localizarmos a percepção de liberdade na interação com as crianças, por parte dos brinquedistas pesquisados, hipotetizamos que, possivelmente, essa relação estava assentada nas orientações socializadas junto aos brinquedistas, em momentos de formação para a atuação no espaço da brinquedoteca investigada, bem como o clima de trabalho aí estabelecido. Identificamos, igualmente, no espaço da referida brinquedoteca, haver sido atendidas as prerrogativas feitas por autoras, como Füllgraf e Wiggers (2014), em suas pontuações sobre o imperativo de valorizar, nos espaços educacionais, ações de cooperação e de ajuda entre adultos (sejam eles homens ou mulheres) e crianças, bem como ações de combate a qualquer tipo de discriminação, dentre elas, a de gênero.

Em tempo, entendemos que a espontaneidade mencionada pelos brinquedistas, no contato com as crianças atendidas pelo projeto, faz-nos recordar as apreciações de Louro (2003, p.49), extraídas de Connell, de que “construção da masculinidade como um “projeto” — tanto coletivo quanto individual — no sentido de que esse é um processo que está continuamente se transformando, afetando e sendo afetado por inúmeras instituições e práticas” e, nesse sentido, visualizamos o espaço da brinquedoteca como oportuno e necessário na formação de pedagogos, que considerem a dimensão inovadora da igualdade de gênero, empoderando-os na direção do ajuste de relacionamentos mais equitativo entre homens e mulheres.

Outro foco de nosso interesse na discussão foi o de compreender a relação de trabalho dos brinquedistas pesquisados desenvolvida com as colegas do sexo feminino, no decorrer do projeto assistencial, no qual participavam juntos. As respostas encontram-se dispostas logo a seguir:

Eu lembro que as colegas tinham mais tempo de atuação na brinquedoteca. Não lembro de ter precisado pedir ajuda para conseguir desenvolver minha atuação, mas elas se mostraram disponíveis a ajudar, o tempo todo. Na verdade, eu fiquei à vontade e tentei fazer o possível para dar o meu melhor com as crianças. (Pau na lata).

Ao falar de trabalho em equipe, neste ponto eu destaco algo que pode ser que seja da minha personalidade. Todas as outras monitoras, cada uma do seu modo, ajudam nas atividades da brinquedoteca e nos dão muitas dicas, porém, particularmente tenho uma tendência ao protagonismo exagerado e por vezes preferia fazer as coisas e atividades sozinho com as crianças. Mas com certeza havia ajuda dos demais, no manejo com



as crianças, na elaboração dos recursos, na organização do espaço e preparação de instrumentos, cenários para as atividades que envolviam as mídias. (Adedonha).

Foi um trabalho muito legal. As meninas me ofereceram todo suporte que eu precisava com as crianças, pois foi a primeira vez que participei de um projeto com crianças. A ajuda e parceria delas foi fundamental. (Esconde-esconde).

A ajuda delas foi fundamental, como eu falei, devido o período pandêmico, não tive muito tempo de interação, mas percebi nos poucos dias que estive na brinquedoteca, eu ajudei um pouco na organização dos cantinhos; as meninas me apresentaram tudo do espaço, conheci todos os materiais presentes na brinquedoteca, além das explicações sobre os planejamentos e de como lidar com as crianças, muitas informações valiosas foram nos dada. (Pular corda).

Pelo retratado por todos os brinquedistas, o clima de cooperação foi reconhecido e apontado como um diferencial nesse espaço. Assim sendo, é importante apontar a não necessidade de disputa por lugares no aprendizado que se efetivara pelos alunos e alunas do curso de Pedagogia, que atuavam como brinquedista, e na execução desse projeto de natureza assistencial. A referida realidade em questão foi um importante esteio para que os brinquedistas pudessem exercer atividades relacionadas ao exercício da docência com o mesmo público, o qual o curso de graduação ao qual estão vinculados os prepara para atuar.

Como hipótese para essa realidade, acreditamos que, pelo fato de os brinquedistas já terem passado por formações que ressaltam a realidade de que qualquer criança que esteja nas dependências da brinquedoteca encontrar-se sob a responsabilidade exclusiva de todos os brinquedistas que estiverem atuando naquele horário, independente de gênero e de experiência com as crianças, talvez tenha conduzido a materialização de um espaço, que encontra-se em alerta quanto às distorções lançadas sobre a relação entre os gêneros.

O cenário retratado pelos brinquedistas pesquisados nos permite recordar, particularmente, as apreciações de Louro (2003), de que as identidades de gênero se constroem em relação, sendo necessário romper com lógica dicotômica de gênero, que se reporta à oposição entre o masculino e o feminino como único direcionamento possível. Nesse sentido, parece-nos um alento que os brinquedistas se reportem à cooperação existente entre brinquedistas homens e mulheres em contraposição a práticas que estimulem a supremacia masculinas nos espaços educativos, tão apontadas pela literatura especializada (Araújo, 2009; Louro, 2003). O respeito às trocas de saberes possíveis entre os gêneros em atividades de cuidado e de estimulação entre os brinquedistas homens e as mulheres, também foi identificado como um diferencial da experiência relatada.

Por fim, na análise empreendida, emergiu interesse em compreender 'quais os sentimentos que na condição de homens foram despertados, ao atuarem em atividades voltadas para o cuidado e a estimulação de crianças?' No rol das respostas encontramos os seguintes trechos:

O próprio curso de Pedagogia está posto, socialmente falando, para o gênero feminino, e isso está diretamente ligado à cultura machista e falocêntrica, onde a mulher é a responsável pela casa e educação dos filhos e o homem, do sustento. Dentro das atividades lúdicas há sim esse ponto de discussão, uma vez que atribuímos profissionais aos gêneros, ou vice-versa, o fato é que as dificuldades advinham muito mais dos



outros do que das próprias crianças, pessoas essas como professores, diretoras e coordenadoras, mães e pais que as acompanhavam nas atividades e por vezes olhavam um pouco torto por ter um homem trabalho com os pequenos, e logo tal trabalho sendo de um forma tão próxima e afetuosa. (Adedonha).

Senti algumas dificuldades pelo fato de, em algumas situações eu não saber o que fazer quando algo fugia do meu controle, como por exemplo no momento que as crianças se chateavam por terem que cumprir alguma regra ou dividir brinquedos. Me perguntava primeiro, que atitudes eu deveria tomar, e pensava rapidamente o que devia falar para a criança. Coisas desse tipo me deixavam ansioso, com medo de errar. (Pau na lata).

Me senti completamente à vontade, pois a brinquedoteca permite isso a todos os brinquedistas. Eu tive acesso a muitas orientações das monitoras, a alimentação e o acompanhamento das crianças ao banheiro por exemplo, era atividade executada pelas brinquedistas mulheres, as atividades motoras e de estimulação cognitivas eram realizadas por todos os brinquedistas. Esse apoio e as orientações das coordenadoras tornou mais fácil o lidar com as crianças do projeto, na hora de acompanhar o lanche deles, eu aprendi muito sobre isso, enfim era tudo novo pra mim. (Esconde-esconde).

Me senti muito bem no espaço da brinquedoteca e eu penso que o fato de ser homem não me impede de ter competência, responsabilidade e de me sair bem como educador de crianças. (Pular corda).

Como podemos perceber, os brinquedistas externaram sentimentos que emergem na condição de homens que realizaram uma atividade que ainda é predominantemente realizada por mulheres, seja nos espaços escolares ou nos não escolares, como é o caso da docência, que no segmento da educação infantil ocorre pelo entrelaçamento das ações de cuidar e educar. Os brinquedistas homens relataram, mais exclusivamente, sobre suas interações no tocante ao brincar espontâneo e, de forma mais restrita, sobre as ações de cuidado, relatando apenas participarem de atividades relacionadas ao esmero de como acompanhar um lanche ou ir ao bebedouro, quando as crianças atendidas pelo projeto solicitavam esse tipo de auxílio. Para nós, o que eles retrataram, nesse momento da pesquisa, faz recordar as apreciações de Araújo (2009), em que os homens quando atuam com crianças de 0 a 6 anos não vivenciam a docência plenamente, por distintas imposições sociais ancoradas em visões reducionistas sobre os gêneros.

O propósito de realizar uma retomada dos sentimentos envolvidos nessa experiência se apoiou nas apreciações de autoras como Füllgraf e Wiggers (2014), em que os profissionais que atuam em instituições que atendem ao público infantil, necessitam adotar posturas compatíveis com os princípios que norteiam as práticas pedagógicas dessas instituições. Assim, a atenção a aspectos da subjetividade e da expressividade emocional dos pesquisados, a nosso ver, não poderiam ser desconsiderados na presente discussão.

Recordamos que, apesar da brinquedoteca universitária investigada não ser um espaço formal de educação infantil, a mesma se constitui em local de experimentação e de pesquisa, voltados para o estudo da infância e suas interações, efetivando o resgate de brincadeiras e a produção de recursos lúdicos e pedagógicos (Ramalho e Silva, 2004).

Além disso, recorda-se que as brinquedotecas funcionam como laboratórios dos cursos de



formação de professores e respondem às orientações das diretrizes nacionais para a formação de professores (Brasil, 2015). Estando por isso totalmente interessada em contribuir na formação dos pedagogos, mantendo-se atenta ao necessário processo de enfrentamento a análises reducionistas acerca do gênero, que constantemente rondam o contexto educacional e que só prejudicam o desenvolvimento de práticas de valorização dos direitos humanos.

Assim, é possível identificar que alguns dos brinquedistas encontram-se cientes dos ditames de gênero que alunos do sexo masculino, como eles, são expostos e, ainda assim, permitem-se investir no desenvolvimento de expressividade emocional necessária às boas interações com as crianças, em contraposição ao que impõe a subjetividade masculina do nordestino, no tocante ao distanciamento de elementos afetivos em suas interações, em nome da masculinidade, dentre outras questões. Nessa oportunidade, recorre-se inclusive a Albuquerque Júnior (2003), estudioso da identidade e da subjetividade nordestina, ao apontar que a identidade nordestina vem sendo delineada a partir de uma vasta produção cultural desde o século XIX a partir do cruzamento de elementos de uma identidade regional e de gênero. O supracitado autor menciona que a figura do nordestino é definida como aquele que se localiza na contramão do mundo moderno, é o ultrapassado, com forte rejeição à superficialidade e à vida delicada na qual este se assenta. A figura do nordestino foi forjada em costumes patriarcais, conservadores, rústicos, ásperos e de virilidade (Albuquerque Júnior, 2013), mas que, aos poucos, vem negociando com as demandas sociais atuais.

Encontrar tal cenário nos parece um alento, pois sinaliza na direção de possíveis rompimentos com as relações hierárquicas presentes nas salas de aula tradicionais, que conferem, apenas às mulheres, a supremacia no exercício do cuidado e da docência junto ao alunado infantil, que são detalhadamente tratadas na literatura especializada e que em nada contribuem para o respeito à diferença e à igualdade de gêneros, bem como ao que é pressuposto à identidade nordestina, em sua rígida atribuição de papéis sexuais aos homens e às mulheres que habitam essa espacialidade, que é o nordeste.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao retomarmos as vivências de brinquedistas homens em uma brinquedoteca universitária, vinculada a um curso de Pedagogia, no sul do Piauí, a discussão procurou demarcar em sua situação geográfica, o que nos permitiu fazer reflexões sobre a relação de gênero materializada no âmbito da formação inicial de futuros pedagogos, que atuavam em um projeto com crianças pequenas. Nessa discussão, também se conferiu atenção ao modo como esses gêneros são representados em sua constituição histórico-geográfica e seus desdobramentos junto às práticas educativas que se imbricam com o cuidado e a estimulação de crianças.

Outro aspecto importante que se completa a esse dado da realidade é o fato de os brinquedistas pertencerem ao curso de Pedagogia, cujas diretrizes apontam para a formação de profissionais que atuem junto às crianças desde os anos iniciais de sua escolarização e, para tanto, os cursos de formação devem fornecer suporte teórico-metodológico que possibilite a superação das questões de discriminação dos alunos, independente do campo a qual elas se referem, porém nesta discussão conferimos certa ênfase a questão do gênero, tendo em vista os objetivos da referida discussão.

Dessa forma, realizar uma pesquisa cujos participantes foram protagonistas de uma experiência bem sucedida, possibilitou verificar que os próprios participantes do estudo, mediante mecanismos



de acompanhamento de sua ação no projeto (diário de campo), puderam se perceber como produto das representações geográficas a respeito do gênero masculino e das representações da identidade do profissional da educação que atua na educação infantil, bem como produtores de novas representações a esse respeito.

Destaca-se, ainda, o fato de que a brinquedoteca universitária, ao ser considerada o principal laboratório do curso de Pedagogia, possibilitou problematizar as representações e o lugar do gênero masculino em situação de cuidados e de práticas educativas voltadas para as crianças pequenas, buscando compreender a questão à luz da teoria e da empiria, fato que, dificilmente, é possível no dinâmico cotidiano de escolas de educação infantil, dadas às diferenças entre a escola e os espaços específicos de formação de professores, como o são as universidades.

Por fim, foi possível compreender, a partir das narrativas dos brinquedistas homens reunidas nessa pesquisa, sobre o seu o processo de aquisição de habilidades relacionadas ao cuidado de crianças e ainda, a existência de disposição da parte deles em desenvolverem habilidades lúdicas, para interagirem com as crianças pelas quais eram responsáveis em seus turnos de atuação no projeto. Identificou-se nessas narrativas, que as iniciativas dos brinquedistas homens nem sempre contaram com a mediação das brinquedistas mulheres, e isso foi um alento, sobretudo por consideramos que em espaços como o de escolas e brinquedotecas, normalmente os homens são privados de exercerem livremente atividades de cuidado ou do brincar fora das influências sexistas. Não escondemos que nos alegrou mais ainda, poder encontrar nas narrativas dos brinquedistas homens momentos indicativos de uma integração e parceria entre eles e as brinquedistas mulheres, uma vez que nos pareceu um ponto de superação do que existe no âmbito das relações de gênero tão cristalizadas nos espaços educativos por onde transitamos como as escolas e as universidades.

## REFERÊNCIAS

- Albuquerque Junior, D.M.A. (2011). A invenção do Nordeste e outras artes. 5ª ed. São Paulo: Cortez.
- Albuquerque Junior, D.M.A. (2013). Nordestino: uma invenção do falo -Uma história do gênero masculino (Nordeste- 1922/1940). 2ª ed. São Paulo: Intermeios (Coleção Entregêneros).
- Araújo, J.R. (2009). Relações de gênero na educação infantil: questionamentos acerca da reduzida presença de homens na docência. In: Teixeira, A.B.M.; Dumont, A. Discutindo relações de gênero na escola: reflexões e propostas para a ação docente. Araraquara, SP: Junqueira & Marin; Belo Horizonte, MG: GSS; FUNDEP.
- Andrade, F.C.B de. (2009). Ou ele ou eu: violência e relações de gênero na escola. In: Teixeira, A.B.M.; Dumont, A. Discutindo relações de gênero na escola: reflexões e propostas para a ação docente. Araraquara, SP: Junqueira & Marin; Belo Horizonte, MG: GSS; FUNDEP.
- Bardin, L. (2011). Análise de Conteúdo. Tradução Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: edições 70.



- Beauvoir, S. de. (2009). O segundo sexo. Tradução Sérgio Milliet. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Brasil. (2006). RESOLUÇÃO CNE Nº 01 de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf) Acesso em 25.01.2021.
- Brasil. (2015). RESOLUÇÃO CNE Nº 02 de 1º de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduandos e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf) Acesso em 09/02/2021.
- Carneiro, M. A. B. (2003) Brinquedos e brincadeiras: formando ludoeducadores. São Paulo: Articulação/ Universidade Escola.
- Charlot, B. (2014). Da relação com o saber às práticas educativas [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez. (Coleção docência em formação : saberes pedagógicos).
- Fullgraf, J.; Wiggers, V. (2014). Educação infantil: projetos e práticas pedagógicas. Brasília: Liber livro.
- Louro, G. L. (Org.). (2004). Um corpo estranho: ensaio a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica.
- Louro, G. L. (2003). Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista. 6ª ed. Petrópolis, Vozes.
- Kishimoto, T.M.; Omo, A.T. (2008). Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. Pro-Posições, v. 19, n. 3 (57) - set./dez. 2008. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/06/v19n3a11.pdf> Acesso em: 01.03.2021.
- Monteiro, M. K.; Altmann, H. (2014). Homens na Educação Infantil: Olhares de suspeita e tentativas de segregação. Cadernos de Pesquisa, v.44 n.153 p.720-741 jul./set.
- Pena, Alexandra. (2018). Professores homens na educação infantil: narrativas sobre gênero e cuidado. Trabalho apresentado no IV Simpósio Luso-Brasileiro de Estudos da Criança, Goiás Disponível em <[c45\\_PENA\\_Alexandra\\_Professores\\_homens\\_na\\_Educacao\\_Infantil\\_narrativas\\_sobre\\_genero\\_e\\_cuidado.pdf](http://c45_PENA_Alexandra_Professores_homens_na_Educacao_Infantil_narrativas_sobre_genero_e_cuidado.pdf) (grupoinfoc.com.br). Acesso em 15/06/2021.
- Priore, M. D. (org.). (2004). História das mulheres no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Contexto.
- Ramalho, M. R. de B.; Silva, C. C. M. da. (2004) A brinquedoteca. Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 8/9, p. 32 , 2003/2004. Disponível em < <https://revista.acb.org.br/racb/article/download/402/504> Acesso em 28/10/2017.



SCHMITZ, A. J. (2012). Brincadeira livre e ação educativa na Educação Infantil. In: Coutinho, A.S.; Day, G. ; Wiggers, V. (Orgs.) Práticas Pedagógicas na Educação Infantil: diálogos possíveis a partir da formação profissional. São Leopoldo: Oikos; Nova Petrópolis: Nova Harmonia.

Yin, R. K. (2016). Pesquisa qualitativa do início ao fim. Tradução de Daniela Bueno. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso.

Zabalza, Miguel. A. (2004). Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed.

